

361

Revista Portuguesa de História

Homenagem aos Professores
Luís Ferrand de Almeida
António de Oliveira

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Instituto de História Económica e Social
Coimbra 0304

As elites de Eiras nos finais do século XVIII - percursos e estratégias de afirmação social*

ANA ISABEL RIBEIRO
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

1. Introdução

As representações que o direito e o poder de Antigo Regime tradicionalmente veiculavam, desenhavam uma sociedade de ordens e corpos hierarquizados, assentes na desigualdade perante a lei e no privilégio. Esta graduação desigual dos indivíduos enquanto membros de um grupo com funções diferentemente cotadas aos olhos da comunidade garantia aos grupos, cujas funções e estatuto eram mais elevados, mecanismos que lhes permitiam apropriarem-se dos recursos disponíveis e que dificultavam processos de mobilidade fora do seu âmbito* ¹.

* O artigo que agora apresentamos baseia-se largamente na nossa tese de mestrado intitulada *Estruturas, Redes e Dinâmicas sociais. A Comunidade de Eiras nos Finais do Século XVIII*, Coimbra, 2003.

A nossa compreensão da organização social, política e económica da Época Moderna é, sem dúvida, tributária das leituras que fizemos das obras dos Profs. Doutores Luís Ferrand de Almeida e António de Oliveira que nos apontaram modelos de compreensão e temáticas a investigar.

¹ Sobre o modelo de representação social na Época Moderna ver Roland Mousnier, *As Hierarquias Sociais de 1450 aos Nossos Dias*, Europa-América, Lisboa, 1974, pp. 17-21; 57-79; Vitorino Magalhães Godinho, *Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*, Arcádia, 2ª edição, Lisboa, 1975, pp. 71 -81 ; António M. Hespanha, *As Vésperas do Leviathan. Instituições*

Este modelo, cujas referências ideológicas são tributárias da organização social medieval, apresentava-se inadequado à realidade dos finais do século XVIII. Dentro das Ordens, os estratos modificaram-se resultando em transformações, por vezes, paradoxais - as clivagens entre alguns estratos tomaram-se mais visíveis, traduzindo-se numa diferenciação clara de estatutos e privilégios dentro do mesmo grupo (lembramos, por exemplo, a distância de prestígio e rendimentos entre os Grandes e a nobreza provincial). Por outro lado, as fronteiras entre alguns grupos esbateram-se, os limiares da nobreza alargaram-se, a riqueza foi-se tomando um factor essencial de diferenciação e uma ferramenta cada vez mais eficaz nos processos de ascensão social, embora os “velhos” instrumentos de obtenção de honra e privilégios continuassem a desempenhar uma função importante no trânsito social - falamos da posse da terra, do investimento nos estudos superiores, no serviço do rei, nas carreiras eclesiásticas*².

Mas a nível local, nas pequenas comunidades rurais, organização social espelharia as características do modelo social vigente? Que mecanismos possuía para se reproduzir ou transformar? Pensamos que a forma mais eficaz de encontrar uma resposta a estas questões passa necessariamente por uma incursão na organização e dinâmicas sociais das comunidades que constituíam o Portugal de Antigo Regime, seguindo os percursos de gente concreta no seu contexto quotidiano, lidando com as especificidades locais, tomando decisões que necessariamente envolviam a gestão recursos, influências e relações que visavam garantir o melhor posicionamento possível na sociedade local. Assim seleccionámos uma pequena comunidade, Eiras, e acompanhámos alguns dos seus membros durante um período de cerca 35 anos, procurando compreender a “lógica” subjacente a alguns desses percursos sociais³.

e Poder (Portugal século XVII), pp. 307-324; António de Oliveira, “Poder e Sociedade nos Séculos XVI e XVII”, *História de Portugal*, direcção de João Medina, Vol. VII (Portugal Absolutista), Ediclube, Alfragide, 1993, pp. 11-47; João Pereira Cordeiro, “A Estrutura Social e o seu Devir”, *Nova História de Portugal*, Vol. V (Do Renascimento à Crise Dinástica), direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Editorial Presença, Lisboa, 1998, pp. 277-278 e 283-285; José Damião Rodrigues, “A Estrutura Social”, *Nova História de Portugal*, Vol. VII (Da Paz da Restauração ao Ouro do Brasil), direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Editorial Presença, Lisboa 2001, pp. 404-407; *Idem*, *São Miguel no Século XVIII. Casa, Família e Mecanismos de Poder*, Tomo I, Dissertação de Doutoramento, Ponta Delgada, 2000, pp. 342-344.

² António de Oliveira, “Poder e Sociedade nos Séculos XVI e XVII”, *cit.*, pp. 20-26.

³ A abordagem de percursos de famílias foi já experimentado em diversos estudos de História Social com resultados muito interessantes que permitiram matizar os quadros interpretativos da realidade social portuguesa na Época Moderna. *Vide*, a título de exemplo, André Mansuy-Dinis Silva, “Une Voie de connaissance de la Société Portugaise au XVIIIe Siècle: Les Micro-Biographies (Sources, Méthodes, Étude de Cas)”, *Clio - Revista do Centro de Historia da*